

Mediações algorítmicas e espiral do silêncio

Reconfigurações da teoria a partir de quatro mecanismos de análise¹

Algorithmic mediation and the spiral of silence

Reconfigurations of the theory based on four analysis mechanisms

Kérley Winkes

Professora nos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade Ielusc

IELUSC, Joinville, Santa Catarina, Brasil

Introdução

Hamlet, em um diálogo recente, provavelmente apontaria a Horácio: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que em todo seu feed de notícias”. Shakespeare não menosprezava a filosofia ou a racionalidade, apenas indicava que elas, sozinhas, não respondem a tudo. Assim como o pensamento de Hamlet, as redes sociais e os mecanismos de busca não apresentam tudo aquilo que de fato compõe a sociedade e seus movimentos diários. Isso se deve, sobretudo, ao fator algoritmos.

A maioria das redes sociais e buscadores possui algoritmos de aprendizagem de máquina (*machine learning*) para guiar e realizar uma curadoria das informações que circulam. Com características ligadas à ordenação e à geração de tendências e recomendações, Facebook, Google, Instagram, TikTok, Twitter,

¹ Este artigo é uma visão revista e ampliada do trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, do XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em dezembro de 2020.

YouTube, entre outras plataformas digitais, escolhem quais publicações são visualizadas e em qual ordem, quais páginas merecem destaque, qual é o conteúdo mais relevante para o usuário, etc.

Tradicionalmente, a seleção de notícias era um privilégio manual humano, institucionalizado pelos jornalistas e suas organizações de mídia, com base, entre outras questões, nos valores-notícia e nos critérios de noticiabilidade. Atualmente, segundo Just e Latzer (2017), no caso da construção de uma realidade algorítmica, a seleção acontece automaticamente por intermédio de softwares personalizados, fundamentalmente, desenvolvidos por conglomerados tecnológicos do Vale do Silício. Assim, a inclusão ou exclusão de mensagens por meio do uso de algoritmos pode beneficiar ou não determinados debates, e isso pode, na avaliação de Silveira (2019), interferir no processo democrático e desequilibrar as condições de equidade das narrativas em disputa.

As plataformas digitais, apesar de serem estruturas privadas, tornaram-se espaços nos quais ocorrem importantes debates públicos e locais em que se verifica o confronto de visões e a articulação de opiniões. Este artigo explora os resultados encontrados a partir de um estudo de recepção de matriz sociocultural realizado na tese da autora (WINKUES, 2020), que analisou os processos sociais que envolvem algoritmos e sujeitos e investigou as implicações dessa relação na recepção e na circulação de informações jornalísticas na internet. Ao perceber que essas implicações também atingem a opinião pública e performam os usos, apropriações e significados atribuídos aos conteúdos jornalísticos que encontram esses espaços, foi possível compreender também algumas características marcantes das reconfigurações da teoria original de Noelle-Neumann (2010).

Portanto, uma das tarefas deste trabalho é repensar alguns tópicos tradicionais da pesquisa de mídia e comunicação à luz de intervenções algorítmicas, especialmente no que tange às questões ligadas à espiral do silêncio. O objetivo é tratar das reconfigurações da teoria de Noelle-Neumann (2010) e apresentar uma categorização de análise da espiral do silêncio contemporânea, que envolve quatro mecanismos: 1) *acumulação*; 2) *consonância*; 3) *ubiquidade*; e 4) *anonimato*.

O artigo está estruturado em quatro partes, que contemplam: a) exposição da noção de mediações algorítmicas; b) resgate da teoria da espiral do silêncio e estudos contemporâneos sobre o tema; c) contextualização das principais etapas metodológicas e perfil dos entrevistados do estudo de recepção; e d) apresentação dos quatro mecanismos de análise citados acima.

Mediações algorítmicas: uma noção sociocultural

Com base em cálculos específicos, os algoritmos são procedimentos codificados para transformar dados de entrada em uma saída desejada e são implementados para controlar o fluxo de ações (BUCHER, 2012). Por serem altamente variáveis e específicos (DOURISH, 2016), a depender das técnicas de aplicação (RIEDER, 2020), os algoritmos consideram diversos fatores: itens que precisam ser adicionados ou excluídos, etapas a serem seguidas em uma ordem específica, e uma série de pontos de decisão ou ação a serem identificados e negociados para chegar a um resultado desejado.

Aliás, não há garantia de que indivíduos estejam interagindo com um mesmo sistema algorítmico, mesmo que eles estejam utilizando a mesma plataforma digital. Os mecanismos são produzidos para serem adaptáveis e variáveis. É por isso que a experiência de algoritmos pode mudar à medida que a infraestrutura muda (DOURISH, 2016). Essa curadoria segmentada e adaptável é justamente o que faz com que plataformas como o Google e o Facebook tenham um grande sucesso entre o público, pois elas mostram o que há de mais interessante para cada indivíduo no universo de informações disponíveis.

Os algoritmos têm como papel central auxiliar pessoas no processo de navegação (NAPOLI, 2013). Porém, ao oferecerem um conjunto de princípios operacionais que podem ser utilizados na resolução de problemas, monitoram histórico de navegação, informações geográficas, sexo, idade, comportamento, preferências políticas, profissão etc. Outras análises contam dias da semana de acesso, intervalos de tempo, permanência, engajamento, assiduidade, etc. Nesse sentido, “as plataformas se apropriam das lógicas de conexão e as potencializam como parte de uma estratégia – comercial sobretudo – que visa incentivar usuários a deixar rastros de suas relações, preferências etc.” (D’ANDRÉA, 2020, p. 24). Logo, as aplicações das variáveis executadas pela máquina formam os bastidores de uma plataforma que operam no sentido de modelar o consumo de notícias e de entretenimento (LATZER et al., 2014; BEER, 2016).

O desenvolvimento da seleção algorítmica está intimamente relacionado a uma série de tendências tecno-econômicas e sociais, que englobam: informatização, dados, automação e otimização econômica (LATZER et al., 2014). Em essência, sua difusão e crescente importância são alimentadas pela proliferação de uma internet cada vez mais móvel e ubíqua. Em contrapartida, são processos estritamente conectados a uma nova fase do capitalismo, marcada pela exploração econômica dos dados a partir de grandes empresas de tecnologia (COULDRY; MEJIAS, 2018; SHOSHANA, 2020; SILVEIRA, 2019; SRNICEK, 2017).

Ao utilizar-se de um canal de comunicação, a natureza da interação do sujeito será moldada por essas propriedades espaciais e temporais e pelos aspectos diversos do meio (THOMPSON, 2005). No caso do jornalismo, Bell e Owen (2017) avaliam que não há meio de comunicação que escape à força das grandes empresas de tecnologia, principalmente porque as decisões tomadas ditam as estratégias de todas as organizações jornalísticas. Os principais negócios da imprensa, o público e a publicidade, estão, constantemente, sendo pressionados por atividades dessas empresas de tecnologia. A vantagem competitiva dessas organizações resulta na geração de uma ampla quantidade de dados e de seleção automatizada e personalizada, um modelo com o qual a mídia tradicional não tem como competir. O que é potencialmente preocupante no cenário da plataformização (VAN DIJCK, 2013), portanto, é a dependência de dados e de análises preditivas que podem canalizar a produção cultural, jornalística e política em direções específicas ou ainda carregar preconceitos de raça e de classe e, assim, ampliar e reproduzir desigualdades históricas (O'NEIL, 2020; BENJAMIN, 2019; SILVA, 2019; CRAWFORD, 2021).

Em vista disso, os cálculos e a ordenação desempenhados pelos algoritmos não são só demandas matemáticas; é preciso uma visão que abranja questões políticas, econômicas e sociais envolvidas por trás do funcionamento. A natureza essencialmente mediada do social, conforme Couldry e Hepp (2020, p. 14), também se baseia nos objetos materiais – interligações, plataformas, infraestruturas etc. – “por meio dos quais a comunicação, assim como a produção de sentidos, tem lugar”. Por outro lado, não se deve abandonar o termo social e analisar sentidos e tecnologias de forma separada.

Algoritmos, como instrumentos técnicos, constroem e implementam regimes de poder e de conhecimento (BUCHER, 2012; BEER, 2016; GILLESPIE, 2014; JUST; LATZER, 2017; NAPOLI, 2013), e seus usos têm implicações normativas e performativas à medida que os sujeitos atribuem sentidos e significados às informações que recebem. Poell, Nieborg e Van Dijck (2020) observam que as tradições de pesquisa em geral concebem plataformas e plataformização principalmente em termos institucionais, como infraestruturas de dados, mercados e formas de governança. Por isso, eles chamam atenção para a necessidade de análises que contemplem a forma como as plataformas transformam as práticas culturais, e como essas práticas transformam plataformas em construções sociotécnicas específicas.

No complexo campo das mediações contemporâneas, os algoritmos e os regimes de poder das plataformas digitais podem e devem ser considerados. Sendo assim, defende-se que é preciso pensar o algoritmo como um objeto de análise nos estudos de jornalismo e comunicação; ou seja, pensar a questão

das mediações comunicacionais, a partir dos algoritmos, como instância midiaticizadora da vida cotidiana. Nesta concepção, os algoritmos assumem relevância na definição de novos padrões culturais de interação.

Diante disso, ao adotar uma perspectiva sociocultural (MARTÍN-BARBERO, 2015), são consideradas as múltiplas relações sociais e culturais (ESCOSTEGUY, 2004). Mais do que o estudo do fenômeno da recepção, dos algoritmos e das plataformas, a pesquisa problematiza sua inserção social e cultural. A formulação de mediações algorítmicas (WINQUES, 2020), criada a partir de uma interpretação livre dos mapas noturnos de Martín-Barbero (LOPES, 2018), abarca pensar na institucionalização das plataformas digitais e suas infraestruturas nos mais diversos domínios sociais e em suas conexões e implicações com a tecnicidade (experiência e sensibilidade), as temporalidades (múltiplas e flexíveis), os fluxos (espaciais e virtuais), a cidadania, a socialidade e as narrativas.

Neste prisma, as plataformas digitais ganham relevância como categoria de análise nas mediações institucionais e nos processos de recepção. Trata-se de investigar como os conteúdos são consumidos em um cotidiano atravessado pelas práticas sociais originadas de outras mediações do sujeito e pelas práticas de como os conglomerados tecnológicos captam e se utilizam dos dados que auxiliam na formação da opinião pública. É neste último ponto que a espiral do silêncio ganha força como objeto de análise.

Espiral do silêncio e questões contemporâneas

A teoria da espiral do silêncio², concebida por Elizabeth Noelle-Neumann (2010), está amparada no pressuposto de que a sociedade – e não somente grupos específicos – ameaça os indivíduos por meio do isolamento e da exclusão social daqueles que desviam do consenso. Ancorada nos estudos de psicologia social, a autora sugere que as opiniões sobre temas carregados de julgamentos morais e emocionais são particularmente sensíveis à manifestação dos efeitos da espiral do silêncio, principalmente quando a sociedade passa por mudanças sociais significativas.

A teoria é sustentada por quatro pressupostos: 1) ameaça de isolamento; 2) medo do isolamento; 3) sentido (ou senso) quase-estático (percepção) por meio da avaliação constante do clima de opinião – sendo a mídia uma das principais fontes dessa observação; e 4) disposição para falar publicamente ou a

² A primeira apresentação da ideia ocorreu em 1972, no *XX International Congress of Psychology*, em Tóquio. O livro *A espiral do silêncio – opinião pública: nosso tecido social* foi lançado originalmente em 1982, na Alemanha.

tendência para permanecer em silêncio. Noelle-Neumann (2010) acrescenta um quinto, uma união dos quatro primeiros. A percepção de cada sujeito sobre o que os outros pensam é determinante na decisão de se expressar ou não em público – e esse é um processo que pode se desenrolar ao longo do tempo. Assim, uma espiral se instala a partir da observação – da realidade e da realidade pelos olhos da mídia – da existência de uma opinião dominante ou norma social.

O mecanismo da espiral do silêncio explica como o comportamento individual em nível micro, como falar em público sob condições particulares, pode se estender ao nível macro da formação da opinião pública. Contudo, a autora deixa claro que a opinião prevalecente não é uma unanimidade. Os focos de resistência podem existir e são formados por sujeitos dispostos a expressar-se publicamente mesmo quando têm consciência de que estão do lado minoritário. A pesquisadora chamou esses grupos de núcleos duros ou vanguardas; porém, não aprofundou ou operacionalizou os termos.

A espiral do silêncio, para Alexandre (2018, p. 15), é uma abordagem teórica mais abrangente do que aparenta ser, pois a construção formulada por Noelle-Neumann tenta ainda explicar como “a opinião pública pode afetar a vida e o comportamento das pessoas, assegurar a coesão social e influenciar os processos de decisão dentro de uma sociedade”. Na concepção clássica, a teoria é voltada, em grande parte, para o modo como a mídia contribui para formar um clima de opinião. Martino (2009, p. 207) reforça a perspectiva ao colocar que o conceito central do modelo da espiral está ligado à construção da opinião pública pela mídia, que pode ser entendida pela “adoção das opiniões implícitas nas informações da mídia e transformadas em dados para uma opinião. A ideia de opinião pública parece estar mais ligada à imposição”. Essa imposição se dá por intermédio de um ponto de vista previamente selecionado sobre um determinado tema. A espiral do silêncio não é imperativa, mas se desenvolve ao longo do tempo.

Questões sobre como os meios de comunicação tradicionais contribuem para a construção das realidades sociais estiveram ligadas, em grande parte, a estudos sobre *agenda-setting*, *enquadramento* e mesmo, em alguns desdobramentos de pesquisas, ligadas ao *gatekeeper*. Porém, atualmente, é preciso levar em conta que a construção da realidade e da memória coletiva passa pela seleção algorítmica automatizada. Segundo Just e Latzer (2017), o novo contexto se distingue por dois motivos: 1) a personalização da construção da realidade contribui para uma maior individualização; e 2) a constelação de atores é parte integrante do ecossistema da internet. É possível adicionar que: 3) a imprensa tradicional

tem cada vez menos relevância sobre a agenda pública³; 4) os boatos oferecem outros enquadramentos; e 5) as mediações algorítmicas, a partir de seus regimes de modulação (SILVEIRA, 2019) e performatividade (BUCHER, 2012), auxiliam nas produções de sentidos e na formação da memória individual e coletiva.

O desenvolvimento da internet e das plataformas digitais trouxe reconfigurações para a espiral do silêncio; portanto, a aplicação da teoria na web está sujeita a adaptações. A percepção do clima de opinião é diferente daquela pautada pela mídia tradicional, especialmente quando se fala de algoritmos, mídia alternativa e *fake news*. As condições vigentes oferecem o potencial de aumentar a disposição dos sujeitos para expressarem suas opiniões (MALASPINA, 2014). Por outro lado, os filtros algorítmicos limitam os debates ao impor regimes de visibilidade para certos temas e de invisibilidade para outros. O discurso público em circunstâncias on-line não se refere apenas à exposição na mídia, mas também inclui o modo como sujeitos falam em público ou em seus perfis nas mídias sociais – e esse conteúdo gerado pelo usuário pode produzir diferentes percepções do clima de opinião (PORTEN-CHEÉ; EILDERS, 2015). Em relação ao consumo, indivíduos encontram uma pluralidade de vozes, podendo escolher entre fontes que condizem com suas opiniões pessoais ou informações de uma variedade de canais (SCHULZ; ROESSLER, 2012). Por fim, a presença de líderes de opinião não pode ser excluída, afinal, a partir da formação de um canal/rede com milhões de seguidores, indivíduos propagam ideias em larga escala.

Estudos⁴ que buscaram compreender o fenômeno da espiral do silêncio e sua conexão com as mídias sociais e a interação humano-computador já foram desenvolvidos na Alemanha (PORTEN-CHEÉ; EILDERS, 2015), Itália (MALASPINA, 2014), México (MORENO; SIERRA, 2016), Estados Unidos (STOYCHEFF, 2016; HAMPTON et al., 2014), Portugal (MOURA, 2018; CAMPOS, 2018) e Argentina (ANGELIS, 2016). No Brasil, a partir de uma consulta na base de dados Portal de Periódicos da Capes e na plataforma Google Acadêmico, foram encontrados diversos trabalhos com abordagens voltadas para a mídia hegemônica. No caso das redes sociais, foram identificadas duas produções: uma dissertação (CARIBÉ, 2019) e um artigo científico (MARQUES, 2019); porém, a teoria de Noelle-Neumann não é um eixo central.

³ Para Just e Latzer (2017), a filtragem algorítmica pode ser primária ou secundária: a primeira refere-se à situação em que os processos algorítmicos são baseados em resultados da agenda tradicional e da seleção dos meios de comunicação e, a partir disso, uma segunda “filtragem” (algorítmica) ocorre com base em combinações automáticas de comportamento do usuário.

⁴ Buscas realizadas no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da Capes, em 8 de dezembro de 2020, com o uso das palavras-chave “Spiral of silence”, “Espiral do silêncio” e “La espiral del silencio”. Foram selecionados estudos em que a teoria é destaque/central na abordagem teórica ou metodológica.

O baixo número de investigações que problematizam a espiral do silêncio e a relação da teoria com as mediações algorítmicas impulsionaram a realização da pesquisa. Além disso, as abordagens não estabelecem aproximações entre o contexto cultural/social desses indivíduos a partir do uso das plataformas digitais e o consumo e a recepção de conteúdos jornalísticos. Schulz e Roessler (2012) e Malaspina (2014) reforçam a importância de que os estudos ligados à teoria avancem para compreensões mais significativas em relação ao público e o contexto social. Por essa razão, a perspectiva adotada nesta investigação está alinhada aos estudos de recepção e de mediação pela vertente sociocultural.

Metodologia e perfil dos entrevistados

O objeto de estudo da tese tratou das implicações das mediações algorítmicas no que diz respeito à opinião pública e à recepção de notícias por integrantes da Igreja Universal do Reino de Deus e por professores vinculados ao Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP-Sindicato) que residem em Curitiba (PR). A pesquisa contemplou três etapas metodológicas, aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (parecer nº 3.192.268): 1) realização de levantamento bibliográfico e articulação com o contexto político social brasileiro; 2) aplicação de questionário socioeconômico estruturado para definição dos indivíduos participantes da terceira fase – participaram 23 professores sindicalizados e 38 evangélicos neopentecostais; 3) verificação da recepção de matriz sociocultural mediante entrevistas em profundidade (GASKELL, 2002) com 16 pessoas – oito de cada esfera.

Na última etapa, a matriz das mediações e produções de sentidos foi observada de maneira aprofundada, de modo que o objetivo foi aplicar um roteiro semiestruturado⁵ dividido em oito seções guias: 1): História: observações iniciais; 2): Perfil social e dimensões estruturantes; 3): Uso de dispositivos e internet; 4): Clima de opinião – redes sociais ou grupos offline?; 5): Jornalismo e confiança: entre fatos e boatos; 6): Medo do isolamento: plataformas digitais e comunidade social; 7): Efemeridade e memória social; e 8): Os algoritmos. Neste artigo, optou-se pelos resultados das seções 2, 3, 4 e 6.

As entrevistas⁶ foram realizadas após seis meses de gestão do presidente Jair Bolsonaro – entre os meses de agosto e outubro de 2019. O contexto sociopolítico é importante, pois a eleição de 2018 colocou

⁵ O roteiro completo está disponível nos apêndices da tese (WINQUES, 2020).

⁶ Ao todo, foram 16 entrevistas, quase horas 20 de material em áudio e 177 páginas decupadas.

ênfase na circulação de informações políticas e no processo de formação da opinião pública na internet, considerando, especialmente, o declínio da confiança na imprensa tradicional, a hiperpolarização, os discursos de ódio e o aumento da disseminação de boatos (SPONHOLZ; CHRISTOFOLETTI, 2018).

O estudo de recepção de recepção de matriz sociocultural (ESCOSTEGUY, 2004; MARTÍN-BARBERO, 2015) é complementar aos resultados encontrados em relação à espiral do silêncio, por isso é importante ter uma dimensão geral do perfil dos entrevistados (Quadro 1). Em termos de anonimização, os participantes evangélicos estão demarcados pela letra E e os professores pela letra P.

Quadro 1 – Perfil socioeconômico e de uso das plataformas digitais dos entrevistados

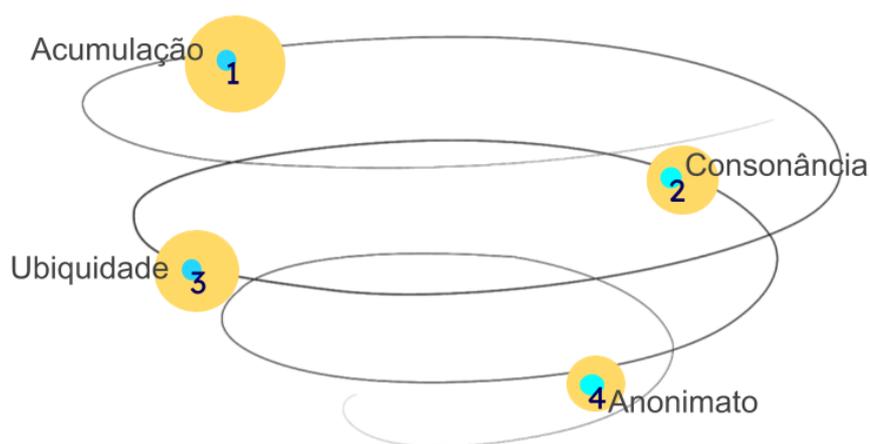
Gênero	Masculino	E1, E3, E5, E7, P1, P3, P5 e P7
	Feminino	E2, E4, E6, E8, P2, P4, P6 e P8
Raça/etnia <i>autodeclaração</i>	Branco	E2, E4, E6, E7, E8, P1, P2, P3, P4, P6 e P8
	Negro	E3, E5, P5 e P7
	Pardo	E1
Idade	18 a 29 anos	E1, E2, E7 e E8
	30 a 39 anos	E6, E5, P3 e P7
	40 a 49 anos	E3, P1, P2, P4, P5 e P6
	50 a 59 anos	E4 e P8
Grau de instrução <i>completo/ incompleto</i>	Ensino Fundamental	E4
	Ensino médio	E1, E3, E5 e E8
	Ensino superior	E2, E7 e P2
	Pós-graduação	E6, P1, P3, P4, P5, P6, P7 e P8
Renda familiar <i>salário mínimo</i>	Até dois salários	E1, E2, E6 e E8
	De dois a quatro salários	E3, E4, E5, E7, P5 e P7
	Acima de cinco salários	P1, P2, P3, P4, P6 e P8
Uso das plataformas digitais	Google	E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8
	Facebook	E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8
	Instagram	E2, E3, E6, E7, E8, P2, P6 e P7
	YouTube	E3, E5, E7, E8, P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8
	WhatsApp	E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8
	Twitter	P3
	LinkedIn	E1
	Pinterest	P7

Fonte: Winques (2020).

Reconfigurações da espiral do silêncio

Pena (2015) lembra que a espiral do silêncio trabalha com três mecanismos condicionantes: 1) acumulação: exposição de determinados temas a partir da capacidade de mantê-los relevantes; 2) consonância: a forma semelhante como as notícias são produzidas e veiculadas; e 3) ubiquidade: o modo como a mídia pode estar em todos os lugares. Entretanto, falar de espiral do silêncio no contexto contemporâneo – a partir de uma releitura da obra de Noelle-Neumann (2010), das considerações de Pena (2015) e dos dados coletados no estudo de recepção – envolve quatro mecanismos (Figura 1): 1) *acumulação*; 2) *consonância*; 3) *ubiquidade*; e 4) *anonimato*.

Figura 1 – Mecanismos de análise da espiral do silêncio contemporânea



Fonte: Winques (2020).

Acumulação

É a exposição de determinados temas a partir da capacidade de mantê-los relevantes, não somente pela perspectiva da imprensa, mas pela visibilidade que os assuntos ganham nos *feeds*, tópicos de tendência etc. Isso pode acontecer a partir de três perspectivas: a) pela viralidade do conteúdo, ou seja, informações que se espalham com relativa facilidade e engajamento nas plataformas; b) pela recirculação que, além do sistema de mediações algorítmicas, envolve o papel dos sujeitos na ampliação das métricas de cliques, comentários e compartilhamentos; e c) pelos próprios algoritmos.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.199>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 46, p.127-146, jan./abr. 2022

No caso da temporalidade dos algoritmos (DOURISH, 2016), muitas das histórias que recebem visibilidade são formadas a partir de um *loop de feedback*. Informações nos tópicos de tendência ou que aparecem no topo de um *feed* ou *ranking* são compostas por meio de uma lógica que opera pelo que é mais visualizado e/ou clicado. Trata-se de uma reflexividade que enfatiza a popularidade como um critério-chave na geração de resultados (NAPOLI, 2013). O conteúdo popular é mais recomendado, aumentando ainda mais sua notoriedade em relação a outros disponíveis. Essa recirculação é um processo que demonstra o poder social dos algoritmos em relação à temporalidade ou atualidade, resultado de uma relação de forças entre sujeitos e algoritmos (BUCHER, 2012). Por isso, a acumulação pode ocasionar em um efeito espelho⁷, auxiliar no viés da confirmação ou nas produções, reproduções e reelaborações de sentidos.

Sob o viés comportamental, a acumulação detém potencial para levar a diferentes percepções do clima de opinião e ocasionar no isolamento. Pelas evidências coletadas na tese, percebe-se que o cenário conjuntural – notado pelo período pós-eleição, polarização de narrativas e disseminação de boatos – não oferece possibilidades para que os espaços virtuais sejam considerados como ambientes em que o debate público se efetive e consolide. Dos 16 participantes, 11 têm preferência por manifestar opiniões off-line – entre os grupos sociais mais próximos. A percepção da maioria é que o ambiente on-line oferece distorções, manipulações, problemas para a reputação, vigilância e ataques de ódio. Porten-Cheé e Eilders (2015) lembram que o discurso público em circunstâncias on-line não se refere apenas à exposição na mídia, mas também inclui o modo como sujeitos falam em público ou em seus perfis nas mídias sociais – e esse conteúdo pode produzir diferentes percepções do clima de opinião.

Ao vincular a internet a um ambiente hostil, é provável que as pessoas passem a confiar mais no espaço social cotidiano ou optem por seguir canais mais alinhados a suas crenças e/ou ideologias. No caso do consumo e da confiança em veículos jornalísticos, a maioria dos evangélicos cita canais ligados à Igreja Universal – mais especificamente à Rede Record. Já os professores, em geral, optam por portais alternativos, tais como Revista Fórum, Blog da Cidadania e Brasil 247. Embora tenha sido possível observar uma diversidade maior de fontes noticiosas a partir do uso das plataformas, é fato que essa diversidade é baseada em uma acumulação de fontes de notícias mais polarizadoras.

⁷ O efeito ou percepção de espelho (*looking glass perception*) sugere um entendimento tendencioso não na direção do tom da mídia, mas em direção às próprias atitudes de um indivíduo.

Consonância

É a forma similar como as informações são produzidas, não só pelos jornalistas, mas pelos próprios sujeitos ou, ainda, influenciadores (verticais ou horizontais), e divulgadas, não só pela imprensa, mas pelos canais permeados por filtros e algoritmos de aprendizagem de máquina que auxiliam no viés da confirmação – tais como Facebook, YouTube, Google, entre outros. Os influenciadores nem sempre são pessoas reconhecidas em determinado grupo social, devido, particularmente, à pluralidade de redes e canais. Sobre a formulação de opiniões, importam tanto os líderes verticais como os horizontais. Os primeiros aparecem em figuras proeminentes, como um presidente, por exemplo; os segundos são representados por pessoas cujas opiniões são consideradas relevantes, mas não exercem poder de maneira ampla e homogênea sobre os componentes do grupo.

As plataformas digitais unidas ao cotidiano produzem efeitos na forma como os sujeitos percebem e produzem sentidos sobre os acontecimentos. Ao serem questionados sobre o principal problema do Brasil, os jornais e as redes sociais aparecem como fonte para a formação da opinião dos participantes evangélicos. E1, E4, E5, E7 e E8 citam que as notícias foram uma das fontes para a definição de seus posicionamentos, sendo que E1, E4, E5 e E8 partilham de uma mesma visão: a corrupção. E2 e E3 relacionam o problema à estrutura familiar, E7 à educação e E6 ao amor ao próximo. No caso dos professores, foi possível perceber a forte presença da instituição escola na identificação do problema. P1 e P2 fazem relação com a escola e os boatos, P4, P5, P6 e P8 com a escola e a política e P3 e P7 com a escola e o analfabetismo e/ou a ignorância. No caso da automatização da esfera pública, conforme Pasquale (2017), os efeitos negativos envolvem o empobrecimento da diversidade cultural e da pluralidade política. Esse empobrecimento pode ampliar a consonância dos discursos e a polarização das narrativas em disputa, já que são priorizados os grupos mais visíveis, os quais são replicados dentro de cada espaço de conversação por meio das mediações algorítmicas e de efeitos de acumulação.

Ubiquidade

Não é somente o modo como a mídia pode estar em todos os lugares, seja por meio da televisão ou dos dispositivos móveis conectados à internet, mas a forma como os indivíduos – como propagadores e produtores – e os algoritmos – como agentes mediadores – podem estar nos mais variados espaços, tempos, interfaces e *feeds*.

Couldry e Hepp (2020) avaliam que é preciso uma compreensão de mídia que seja capaz de concentrar as reflexões nos meios tecnológicos de comunicação, contudo ela deve ser aberta o suficiente para captar a variedade contemporânea. Um novo meio ou tecnologia não substitui imediatamente os anteriores. Os demais meios continuam preenchendo o cotidiano. No grupo de evangélicos, apesar de a televisão ser mencionada como um meio para obter informações, as plataformas digitais possuem uma maior abrangência nas interações cotidianas. A relação triádica dos meios mais utilizados envolve a televisão, o Facebook, tida como principal rede social para a maioria, e o Google como canal central para obter informações e acesso a sites noticiosos. No caso dos professores, a televisão não aparece como um meio estruturante; são as plataformas digitais, especificamente o Google e o Facebook, que recebem um maior protagonismo nas interações rotineiras. A relação triádica dos meios é formada pelos dois gigantes do Vale do Silício e pelos sites noticiosos da imprensa tradicional e alternativa. A escolha dos sites, de maneira geral, é amplamente mencionada, por isso se torna importante.

Nos dois grupos, os algoritmos permeiam as relações triádicas, especialmente porque, mesmo quando acessam os sites de maior consumo ou ligam a televisão, os entrevistados permanecem conectados aos seus dispositivos móveis e, conseqüentemente, aos buscadores e às redes sociais. Posto isso, deve-se considerar que as plataformas digitais estão cada vez mais presentes de forma ubíqua na cultura, na política e na vida social e coletiva. Além disso, devido a essa fragmentação, é possível que várias espirais do silêncio trabalhem simultaneamente, uma para cada escolha do indivíduo, seja ela política, social ou ideológica. Essas escolhas estão ligadas à forma como a percepção é usada pelos sujeitos para observar e interpretar a mídia, suas redes e o seu ambiente social.

Anonimato

Bots, trolls e algoritmos, especialmente os de aprendizagem de máquina, formam uma camada de disseminação de conteúdos que não é passível de identificação. Trata-se de uma “multidão sem rosto”, e, por consequência, sua atuação difere da imprensa – que possui uma política editorial, um código de ética e jornalistas que assinam as notícias e as reportagens. Portanto, é preciso buscar um aprofundamento dos aspectos técnicos e circulatorios desses objetos computacionais ou, ainda, pode ser necessário utilizar métodos como os de Análise de Redes Sociais ou Métodos Digitais (D’ANDRÉA, 2020; OMENA, 2019; SLOAN; QUAN-HAASE, 2016).

Essas metodologias, aliadas à conjuntura político-social-cultural, podem oferecer um conhecimento mais amplo sobre a formação e propagação de ondas de opiniões – rápidas ou estáveis –, sobre a polarização e sobre a visibilidade ou invisibilidade de temas específicos no debate público em rede. Tais distribuições, coletadas por meio de softwares de análise que se apropriam de rastros digitais deixados nas plataformas, podem ser vistas a partir da criação de uma visualização gráfica (grafos); que podem aparecer no formato de mapas de propagação, nuvens de palavras, bolhas e ondas de calor. Apesar desses métodos não terem sido aplicados no estudo apresentado, observa-se que a análise de dados a partir desse tipo de metodologia pode levar a entendimentos importantes sobre as manifestações da espiral do silêncio nas plataformas digitais.

Os instrumentos registrados acima, que podem ser utilizados de um ponto de vista metodológico e/ou epistemológico, extrapolam os limites que dizem respeito ao fato de que a imprensa, sozinha, é capaz conduzir a formação da opinião pública na internet. Esses eixos podem aparecer de maneira independente, contudo, na maioria das vezes, os efeitos são combinados. Outra interpretação é que, a partir das condições socioculturais do indivíduo ou do grupo em análise, as espirais podem ser múltiplas e simultâneas.

Considerações finais

A espiral do silêncio é uma teoria do campo da comunicação e do jornalismo escrita por Elizabeth Noelle-Neumann há quase 50 anos. Propor uma releitura de trabalhos clássicos significa, em alguma medida, lidar com a tentação do anacronismo. Esse risco é reforçado, especialmente, no âmbito da comunicação e do jornalismo, nos quais o avanço de tecnologias, dispositivos ou mesmo das plataformas e dos algoritmos mudam rapidamente. O estudo percebe que os universos são fundamentalmente diferentes entre a primeira exposição da autora e a aplicação atual. Ao mesmo tempo, apesar da diferença temporal, o contexto de mudanças políticas é comum nas duas investigações. Outro aspecto é a busca por concepções mais alinhadas à psicologia social – disposição para manifestar as opiniões – e uma aproximação com o contexto cultural dos sujeitos – mesmo que isso não se tenha efetivado na investigação da pesquisadora alemã.

Ao considerar que os algoritmos assumem relevância na definição de novos padrões culturais de interação social, observou-se a necessidade de investigar a teoria à luz das mediações algorítmicas. Diante disso, para além da categorização apresentada acima, defende-se que o controle que é constituído por meio dos códigos e dos seus protocolos de filtragem não deve ser resumido a bolhas ou câmaras de eco. Os algoritmos são cálculos invisíveis com raízes profundas que adentram no cotidiano dos sujeitos, apropriando-se de suas características socioculturais ao mesmo tempo que, munidos desses elementos, formam espirais do silêncio que alimentam a formação da opinião pública e auxiliam na tomada de decisões e na construção da memória social.

Descrever a relação entre técnica e política a partir do diálogo entre os algoritmos e a formação de espirais do silêncio é particularmente importante porque essa conexão pode explicar como a comunicação tecnológica, em torno de processos computacionais, se torna invisível e interfere na condução da política e da democracia. A mediação e o controle algorítmico, ao atuarem em um longo período de tempo, podem, segundo Silveira (2019, p. 97), “criar assimetrias invisíveis e desequilíbrios performativos completamente antidemocráticos”. As plataformas incidem sobre as manifestações sociais e os modos de organização social e, quando a comunicação se faz nas plataformas, a informação sobre os acontecimentos não decorre apenas dos sujeitos ou da interação entre as pessoas, mas também dos algoritmos, que, em suma, oferecem uma visão interessada, se não econômica, dos fatos. Por fim, a partir dos resultados encontrados, considera-se importante pensar sobre as mediações comunicacionais no consumo e na recepção, a partir das mediações algorítmicas, como uma instância mediatizadora da vida cotidiana. Dito de outra forma, é importante refletir sobre como as infraestruturas das plataformas digitais se conectam à vida social das pessoas nos seus usos cotidianos e como tais conexões/mediações geram sentidos e significados que extrapolam o próprio uso dos meios

Kérley Winques

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7571-281X>

IELUSC, Joinville, Santa Catarina, Brasil

Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: ker.winqes@gmail.com

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.199>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 46, p.127-146, jan./abr. 2022

Recebido em: 26 de abril de 2020.

Aprovado em: 5 de maio de 2022.

Referências:

ALEXANDRE, José C. **Uma genealogia da espiral do silêncio**: a expressão da opinião sobre as práxis acadêmicas. Covilhã: Editora LabCom, 2018.

ANGELIS, Carlos de. La opinión pública entre la razón y el control social. Una actualización en la era del Big Data. **AVATARES** de la comunicación y la cultura, n. 11, junio de 2016.

BEER, David. **Metric power**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.

BENJAMIN, Ruha. **Race After Technology**: Abolitionist Tools for the New Jim Code. Publisher: Polity Press, 2019.

BUCHER, Taina. **Programmed sociality**: a software studies perspective on social networking sites. University of Oslo, 2012.

CAMPOS, João D. C. de. **Uma eleição de ecos numa esfera pública digital polarizada**: A comunicação política online nas eleições presidenciais norte-americanas de 2016. 2018. 61 f. Dissertação – Departamento de Sociologia e Políticas Públicas, Instituto Universitário de Lisboa.

CARIBÉ, João C. R. **Algoritmização das relações sociais em rede, produção de crenças e construção da realidade**. 2019. 166 f. Dissertação – Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SPONHOLZ, Liriam; CHRISTOFOLETTI, Rogério. From preachers to comedians: Ideal types of hate speakers in Brazil. **Global Media and Communication**, December 23, 2018, p. 1-18, 2018.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **A construção mediada da realidade**. Editora: Unisinos, 2020.

COULDRY, Nick, MEJIAS, Ulises A. Data colonialism: rethinking big data's relation to the contemporary subject. **Television & New Media**, v. 20, ed. 4, 2018, p. 1-14.

CRAWFORD, Kate. **Atlas of AI**: Power, Politics, and the Planetary Costs of Artificial Intelligence. Publisher: Yale University Press, 2021.

D'ANDRÉA, Carlos F. de B. **Pesquisando plataformas online**: conceitos e métodos. Salvador: EDUFBA, 2020.

DOURISH, Paul. Algorithms and their others: algorithmic culture in context. **Big Data & Society**, v. 3, n. 2, 2016.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. pp. 64-89.

GILLESPIE, Tarleton. The relevance of algorithms. In: GILLESPIE, Tarleton; BO-CZKOWSKI, Pablo J.; FOOT, Kirsten A. (org.). **Media technologies: essays on communication, materiality, and society**. Cambridge: MIT Press, 2014. p. 167-194.

HAMPTON, Keith; *et al.* Social Media and the 'Spiral of Silence'. **Pew Research Center**. 26 ago. 2014.

ESCOSTEGUY, Ana C. Notas para um estado da arte sobre os estudos brasileiros de recepção nos anos 90. In: MACHADI, Juremir; LEMOS, André; SÁ, Simone Pereira de (org.) **Mídia.Br**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

JUST, Natascha; LATZER, Michael. Governance by algorithms: reality construction by algorithmic selection on the Internet. **Media, Culture & Society**, v. 39, n. 2, p. 238-258, 2017.

LATZER, Michael; *et al.* **The economics of algorithmic selection on the Internet**. Working Paper – Media Change & Innovation Division. University of Zurich: Zurich, 2014.

LOPES, Maria I. V. de. A teoria barberiana da comunicação. **MATRIZES**, v. 12, n. 1, São Paulo, 2018.

MALASPINA, Cristina. **The Spiral of Silence and Social Media: analysing Noelle-Neumann's phenomenon application on the Web during the Italian Political Elections of 2013**. 2014. 80 f. Dissertation. Department of Media and Communications: MSc in Media and Communications, London School of Economics and Political Science.

MARQUES, Claudio F. Esferas públicas, teorias de comunicação e hipóteses contemporâneas: traçando uma releitura. In: 42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, **Anais**, Belém, Pará, 2 a 7 de setembro de 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MARTINO, Luís M. S. **Teorias da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORENO, Alejandro; SIERRA, Eduardo. Capturando el silencio 2.0: el fenómeno spiral of silence en Facebook. **Em Debate**, Belo Horizonte, v. 8, n. 7, p. 48-72, dez. 2016.

MOURA, Zita Bacelar. **Da mentira que se quer verdade: fake news, uma velha chaga em novos tempos**. 2018. 93 f. Dissertação – Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação, Mestrado em Jornalismo e Comunicação, Universidade de Coimbra.

NAPOLI, Philip M. **The Algorithm as Institution: Toward a theoretical framework for automated media production and consumption**. Fordham University Schools of Business Research Paper, 2013.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **La espiral del silencio**: opinión pública: nuestra piel social. Barcelona: Paidós Espanha, 2010.

OMENA, Janna Joceli. **Métodos Digitais**: teoria-prática-crítica. Lisboa: Livros ICNOVA, 2019.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa** – Como o Big Data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. Santo André: Rua do Sabão, 2020.

PASQUALE, Frank. A Esfera pública automatizada. **LÍBERO** – Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, ano XX, n. 39, jan./ago., 2017.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2015.

POELL, Thomas; NIEBORG; David, VAN DIJCK, José. Platafomização. **Fronteiras** – estudos midiáticos, vol. 22, n. 1 - janeiro/abril, 2020.

PORTEN-CHEÉ, Pablo; EILDERS, Christiane. Spiral of silence on-line: How on-line communication affects opinion climate perception and opinion expression regarding the climate change debate. **Studies in Communication Sciences**, v. 15, n. 1, 2015, p. 143-150.

RIEDER, Bernard. **Engines of Order** – A Mechanology of Algorithmic Techniques. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2020.

SCHULZ, Anne; ROESSLER, Patrick. The spiral of silence and the internet: selection of on-line content and the perception of the public opinion climate in computer-mediated communication environments. **International Journal of Public Opinion Research**, v. 24, n. 3, 2012.

SHOSHANA, Zuboff. **A era do capitalismo de vigilância** – A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL LAVITS. **Anais**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SILVEIRA, Sergio A. da. **Democracia e os códigos invisíveis**. São Paulo: Edições SESC, 2019.

SLOAN, Luke; QUAN-HAASE, Anabel. **The SAGE Handbook of social media research methods**. SAGE Publications Ltd, 2017.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2017.

STOYCHEFF, Elizabeth. Under surveillance: examining Facebook's spiral of silence effects in the wake of NSA Internet Monitoring. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, 2016, p. 1-16.

THOMPSON, John B. The New Visibility. **Theory, Culture & Society**, v. 22, n. 6, 2005.

VAN DIJCK, José. **The culture of connectivity**: a critical history of social media. Publisher: Oxford University Press, 2013.

WINQUES, Kérley. **Mediações algorítmicas e espiral do silêncio**: as dimensões estruturantes igreja e sindicato na recepção de conteúdos noticiosos em plataformas digitais. 2020. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

Resumo

O foco deste trabalho é tratar das reconfigurações da teoria original de Noelle-Neumann (2010) e apresentar uma categorização de análise da espiral do silêncio contemporânea, que envolve quatro mecanismos: 1) *acumulação*; 2) *consonância*; 3) *ubiquidade*; e 4) *anonimato*. Com a intenção de não abandonar o termo social e analisar sentidos e tecnologias de forma separada, os resultados apresentados foram construídos a partir de um estudo de recepção de matriz sociocultural com oito professores sindicalizados e oito evangélicos neopentecostais residentes em Curitiba (PR). Ao considerar que os algoritmos assumem relevância na definição de novos padrões culturais de interação social, observa-se a necessidade de investigar teorias consolidadas do campo da comunicação e do jornalismo à luz das mediações algorítmicas.

Palavras-chave: Jornalismo. Comunicação. Espiral do Silêncio. Algoritmos. Recepção.

Abstract

This paper deals with the reconfigurations of Noelle-Neumann's (2010) original theory and presents an analysis categorization for the contemporary spiral of silence, which involves four mechanisms: 1) *accumulation*; 2) *consonance*; 3) *ubiquity*; and 4) *anonymity*. In order to avoid excluding the term social and analyzing meanings and technologies separately, the results in this paper were presented from a sociocultural matrix reception study with eight unionized teachers and eight neo-Pentecostal evangelicals residing in the city of Curitiba (PR). Once determining that algorithms are relevant towards defining new cultural patterns of social interaction, we found the need to investigate consolidated theories in the field of communication and journalism in the light of algorithmic mediations.

Keywords: Journalism. Communication. Spiral of Silence. Algorithms. Reception.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.199>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 46, p.127-146, jan./abr. 2022

Resumen

El objetivo de este artículo es abordar las reconfiguraciones de la teoría original de Noelle-Neumann (2010) y presentar una categorización del análisis contemporáneo de la espiral del silencio, que involucra cuatro mecanismos: 1) acumulación; 2) consonancia; 3) ubicuidad; y 4) anonimato. Para no abandonar el término social y analizar significados y tecnologías separadamente, los resultados presentados se refieren a un estudio de recepción de matriz sociocultural con ocho docentes sindicalizados y ocho evangélicos neopentecostales residentes en Curitiba, Brasil. La relevancia de las mediaciones algorítmicas en la definición de nuevos patrones de interacción cultural implica la necesidad de investigar teorías consolidadas de la comunicación y el periodismo a la luz de las mediaciones algorítmicas.

Palabras clave: Periodismo. Comunicación. Espiral del silencio. Algoritmos. Recepción.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.